

## **Corpos que se abraçam: bruxaria e culinária na literatura brasileira contemporânea e chilena**

**Adriana Sacramento de Oliveira**

**(Universidade de Brasília)**

O presente trabalho procura fazer um recorte epistemológico da relação entre Literatura e Culinária por meio do diálogo com a “bruxaria”<sup>1</sup>. Isso porque essa é uma temática que vem sendo retomada pela literatura contemporânea, ou seja, como a escrita de alguns textos relacionam as porções e o modo de fazer um alimento ao universo da magia e do encantamento, ambos contextos intermediados e/ou pelo caráter amoroso e pelo corpo como um espaço de atuação e improvisação, pelo qual são desencadeados os encantamentos. Para tanto, recorro a duas autoras contemporâneas, à chilena Isabel Allende e à brasileira Márcia Frazão. Por esse caminho, busco perceber, também, quais são as simbologias possíveis para a construção da *persona* feminina e, desse modo, como estão configurados seus corpos femininos em contato e na transformação do alimento.

De chofre, pude constatar, nas leituras que tratam sobre o tema, que o sujeito ativo relacionado pela bruxaria recai sobre o feminino. Hoje, na contemporaneidade, essa categoria se distingue, porém, da feitiçaria como também do curandeirismo, enquanto prática. Isso porque, para essas duas últimas atividades são admitidos agentes masculinos, enquanto que no primeiro apenas as mulheres são consideradas sujeitos naturais. Os homens são admitidos, todavia precisam praticar para vir a se tornar um bruxo, ao contrário, a mulher já nasce e é por natureza uma bruxa, ela precisa, apenas, tomar consciência desse fenômeno em si mesma. A categoria do corpo explica essa naturalização cultural, pois a força que move e

engendra uma bruxa reside no útero, seu *axis mundi*. Esse órgão liga a mulher a todas as forças primordiais, agentes essenciais para a concepção e atuação de uma “bruxa”. O ente feminino, nesse caso, é o guardião de todos os mistérios e, como tal, seu corpo promove as principais mediações de poder com o mundo, seja ele empírico, sensível ou invisível.

A história das mentalidades aponta para duas visões relativas à figura da bruxa. A primeira diz respeito a uma concepção teológica (eclesiástica), portanto punitiva, e outra romantizada pelo imaginário contemporâneo. A primeira visão foi propagada, a partir do século XIV, pela Igreja Católica através de textos de caráter inquisitorial. O principal deles, mais divulgado no Ocidente, é intitulado *Malleus Maleficarum (O martelo da feiticeira)*. A partir do século XIX é que a bruxaria adquire uma feição “romantizada” pelo pensamento ocidental. Nesse caso, a bruxa é transfigurada em mártir e sua presença na história do imaginário ocidental se renova pela filiação que a mulher-bruxa passa a ter com a ancestralidade e por sua ligação com a natureza. Encabeça essa vertente, o historiador Jules Michelet com seu livro intitulado *A feiticeira*. Assim, para essa concepção “romantizada”, de agente do mal, ela se transforma em referência primordial, reconectada à sua ancestralidade e cujo paradigma corresponde às bases do matriarcalismo original. Para a literatura, essa passagem aponta uma alteração na representação da imagem corporal. Nos textos que absorveram a imagem eclesiástica, as mulheres-bruxas são seres decrépitos e deploráveis, cujos corpos exalam a fonte do mal. Para a segunda vertente, emergem dos textos mulheres sedutoras capazes de transformar realidades por meio da sedução. Essa última versão é a mais recorrente aos textos da literatura contemporânea. Em ambos caminhos, porém, um fenômeno reside como interpelação de magia: o corpo feminino como agente de poder. A atuação dessas mulheres no mundo é intermediada pela esfera da sexualidade. Para tanto, na percepção medieval desse fenômeno aí repousa o perigo da presença feminina no mundo. Para o

pensamento contemporâneo, sob a influência da visão preconizada a partir do século XIX, esse poder transformador, mediado pela sexualidade, resguarda beleza, ou seja, há uma mudança na tonalidade estética desses corpos. A sexualidade, que flui do corpo feminino, é fonte de magia para o mal, na primeira concepção, e para a sedução, como fonte de vida, na segunda via de aproximação aqui apresentada. Neste ponto, ambos pensamentos convergem.

Essa confluência do “corpo sexualizado” aponta para um terceiro elemento que envolve a bruxaria: a lida com afrodisíacos, porções elaboradas para liberar a magia. Aqui se dá um cruzamento bastante comum na literatura hispano-americana contemporânea: a comida como um agente disseminador de saberes ancestrais. Ou seja, o alimento, assim como sua feitura, é considerado como um objeto identitário, cuja simbologia reflete um conhecimento primevo, quando a mulher seria a matriz das relações de produção. No caso da cultura hispano-americana, os estudos apontam o fenômeno da miscigenação como agente de troca desses saberes, em que o alimento, de forma mais global, congrega as principais matizes culturais das tradições envolvidas na intersecção de saberes; ou seja, o encontro de conhecimentos tradicionais, disseminados em práticas cotidianas, encontrar-se-ia centralizado na atividade culinária.

Para efeito deste breve estudo, resolvi ficar com o livro de Afrodisíacos da escritora chilena Isabel Allende, intitulado *Afrodite*, e com a escritora brasileira Márcia Frazão, cujo livro é designado *A cozinha da bruxa*. Ambos, como veremos, dialogam com a versão da magia feminina aliada ao ingrediente culinário. Para as duas escritoras, o corpo é olhado como uma categoria antropológica que salta do espaço imaginário para o espaço cotidiano. Nesse sentido, observo as variações presentes em relação à expressão de um “corpo dócil” para um “corpo liberado” e/ou “sexualizado”, tipologias desenvolvidas no estudo da pesquisadora Elódia Xavier<sup>2</sup>. Recorro, também, ao conceito de performatividade como forma de observar a atuação

desses diferentes corpos femininos em relação ao espaço/ tempo em que atuam. Para tanto, faço uma pausa para dar cor às categorias aqui relacionadas.

Nos dois livros citados, os corpos são plurais e se estendem: pela casa, para outros corpos, no alimento. Nesse aspecto, fui buscar na vertente antropológica parte do embasamento às reflexões. Assim, são relevantes as contribuições trazidas pelo sociólogo francês David Le Breton, visto que ele utiliza o conceito de corpo como uma estrutura que se compõe por meio das relações sociais. Segundo ele “[...] o corpo é aqui lugar e o tempo [...] de onde retira a simbólica da relação com os outros e o mundo” (LE BRETON, 2006, p. 35).

Outro pensador fundamental para esse trabalho é Bakhtin, visto que alia o conceito de corpo às reflexões literárias aqui necessárias. Para o autor russo, o corpo nutre-se e alimenta-se de várias maneiras, ao mesmo tempo em que se desestrutura e se recompõe para realizar uma série ilimitada de associações.

O corpo habita, enquanto categoria espaço-temporal, uma extensão lacunar como um entre-lugar ou como um permeio, que anuncia “o dilema de um rosto vário...”<sup>3</sup> que se desloca e fragmenta. De um corpo no singular migra-se para um que é plural e que parece gerar a ação necessária para criar certa unidade composicional, na intenção de se reconstituir. Porém, essa unidade é no mínimo dual. Essa perspectiva, de corpo plural, veio a partir da leitura indispensável da autora Judith Butler em seu livro intitulado *Problemas de gênero*, no qual desenvolve duas concepções importantes: o corpo como um lugar de descentramentos e o ato performativo. O conceito de corpo, como permeio, fui encontrar em um artigo intitulado *Os frutos tropicais do feminino: Adélia Prado e Paula Tavares*, de Maria Lúcia Dal Farra. Ele é extremamente importante porque sinaliza a possibilidade dessa categoria corporal de se alocar em tempos e espaços variados.

É por meio desse interstício, dos entremeios acerca da construção e desconstrução com relação ao conceito de feminilidade, que procuro observar as

variações e matizes do corpo feminino que busca se (re)construir através da magia/ feitiço. Quais variantes culturais esse corpo precisa descentralizar para fazer emergir, ou atuar performaticamente, a sua magia? Neste estudo a pergunta é: quais tipologias são reconfiguradas para que outras se organizem?

A sexualidade é a variante primordial, agora sim ressignificada pela história e relações culturais como força motriz propulsora de poder e encanto. Nesse aspecto, o alimento elaborado, cujo fim encerra um ingrediente sexual — entendido aqui como força e energia —, guarda em si mesmo, em seu processo de elaboração, a estruturação do corpo feminino atuante. Cito o exemplo da personagem Tita, da escritora mexicana Laura Esquivel — *Como água para chocolate* —, onde a personagem transmigra seus desejos em relação ao amado por meio da preparação dos pratos. Os ingredientes são extensões desse “corpo sexualizado”, mas ainda “dócil e disciplinado” do início da narrativa que vai, aos poucos, se transformando em um “corpo liberado”, no epílogo do romance. Desse mesmo modo, prosseguem as duas escritoras citadas neste trabalho, já que para elas os sentidos criam as várias maneiras de estar no mundo, inclusive representativamente. Vejamos quais são seus métodos. Como essas escritoras promovem suas “bruxarias” e como inscrevem, nas suas narrativas, a imagem da mulher que se reconhece bruxa em potencial, cujo corpo emerge “sexualizado” e discursivamente livre, portanto liberado de certos estigmas masculinos.

Começo com um trecho do livro *Afrodite*, no qual Isabel Allende propõe que a forma iniciática de toda magia começa pelos sentidos e que nesse caso está relacionado à força feminina, ou em outra variante, às “coisas de mulher”. Ela diz: “O cheiro penetrante do iodo não me traz imagens de cortes ou cirurgias, mas de ouriços-do-mar, essas estranhas criaturas marítimas inevitavelmente relacionadas à minha iniciação no mistério dos sentidos” (ALLENDE, 2002, p. 10).

Ao ler a introdução do livro, uma curiosa realidade vai se diluindo em torno do leitor. Digo isso porque é exatamente por aí que começa o encanto. Os sentidos são chamados para atuar em conjunto com os da escritora. Todo o corpo recebe o convite para trazer também à vida a realidade mais intrínseca do feminino.

À medida que a escrita do livro sugere pratos e temperos apropriados para o encantamento, alguns “conselhos” são deliberados pela autora para enfatizar a magia dos pratos. As deliberações fazem parte do que ela chama de legado feminino. Para Allende não há limitações impostas ao feminino no intuito desejado: enfeitiçar e propagar magia. Assim, o corpo deve se libertar de regras e tabus na busca da experimentação e do prazer, seja este emprenhado pela zona olfativa, visual, degustativa ou sexual. Não há barreiras para esse corpo (de)composto nas páginas das receitas-afrodisíacas. Ela diz:

Pretendo oferecer nestas páginas, da melhor forma possível, uma descrição dos afrodisíacos mais comuns. Espero que não falem em sua cozinha e que dêem à sua vida pinceladas de sabor e bom humor, tão desejados neste turbilhão do modernismo [...]. Cabe acrescentar que, se tiver sorte e esses excitantes derem o resultado esperado, você viverá e morrerá feliz, talvez de um ataque súbito causado por uma combinação de gula e luxúria, únicos pecados capitais em que cabe certo estilo, pois os demais são pura malignidade e quebranto (ALLENDE, 2002, p. 31).

O próximo passo dado pela escritora é protagonizar a execução dos pratos. Entretanto, ela propõe que para variar no sabor, ação que preconiza o poder do afrodisíaco, a fêmea precisa liberar seu corpo, deixá-lo solto, leve e nu. Aqui, já de chofre, emerge a sua proposta de corpo, o qual descreve como liberado e sexual. Enquanto compõe o livro, ela mesma confessa ir se desfazendo de preceitos morais impetrados por sua formação familiar, tipicamente patriarcal. Segundo Allende, a culinária deu-lhe a possibilidade de experimentar sensações, atuar de forma mais “feminina” no mundo constituído por uma insígnia falocêntrica.

Assim, pelas páginas de seu *Afrodite*, a culinária proporciona uma alteração corporal em relação à percepção feminina que a autora faz de si mesma. A feitura dos alimentos designa um lugar com possibilidades de mutações corporais, funciona como um entre-lugar que gerencia novos tons e propicia diversas experiências libertárias. O corpo, ao longo da escrita, se reescreve, e de fato enfeitiça, erotiza a leitura que se faz dela. De certo modo, alguma antropofagia é desencadeada com relação ao leitor. Imbuída em tais sensações, fiquei compelida a correr as páginas e chegar às receitas. Meu intuito: cozinhar, preparar, seduzir e me transformar, também, em tantos corpos quantos me sejam possíveis atuar. E aqui chegamos à segunda escritora, pois para Márcia Frazão, a autoridade do feitiço requer uma práxis, uma desenvoltura, uma performatividade. Vamos a ela.

Assumida enquanto bruxa contemporânea, Márcia Frazão filia-se ao ramo da bruxaria cuja atividade relaciona-se a componentes telúricos: Terra, Ervas, Legumes, Frutas, Cereais e Verduras estão dispostos como ingredientes imprescindíveis para concepção da bruxaria. Para além dos ingredientes, é importante que toda bruxa possua em sua cozinha — espaço onde ocorre a concepção da magia e/ou feitiço — uma diversidade de instrumentos, dentre eles panelas de ferro ou cerâmica, colheres-de-pau, potes de madeira e cerâmica, entre outros. De qualquer modo, um aspecto é correlato ao que propõe Isabel Allende, em *Afrodite*: a bruxaria acontece na cozinha, com a preparação de pratos, com a adequação certa de ingredientes. A bruxa em potencial, segundo Frazão, é aquela que sabe lidar e experienciar a esfera da cozinha como lugar de atuação e de acontecimento da magia. Assim, atuar como bruxa corresponde a certa (re)adaptação de práticas tradicionais já designadas como tarefas concernentes ao feminino. Nesse sentido, o ato de cozinhar ganha nova modelagem, nova aparência em detrimento do sujeito que agora atua: a mulher que agora está imersa nesse ambiente concebe-se emancipada, cujo corpo possui o *status* de liberdade. Desse modo, para ser ou torna-se uma bruxa é

necessário, também, saber atuar na cozinha. Essa performatividade, sinônimo aqui de integração, deverá estar ligada, intrinsecamente, à própria percepção do corpo e das sensações. Todos os instrumentos criam uma só analogia em direção ao corpo feminino. É preciso acontecer uma simbiose entre o espaço, os objetos e o sujeito atuante. Ela diz:

As mulheres cozinham com raiva, sem sentir o que estão fazendo. É como se tivessem nas mãos uma varinha mágica e a jogassem no lixo! O ato de cozinhar, quando realizado ritualisticamente, é o meio eficaz na feitura de feitiços. Com a cozinha aprendemos o ato da concentração — um dos aspectos mais importantes da feitiçaria. Aprendemos a gentileza dos gestos, essencial nos rituais (FRAZÃO, 1995, p. 21).

Assim, para se tornar bruxa é imperativo atuar com o corpo e, nesse aspecto, com o feminino. Essa percepção corresponde ao sentido de feminilidade, categoria construída pela cultura, discutida pela pesquisadora estadunidense, acima elencada. Para Butler, uma pergunta é crucial e será com ela que finalizo esta breve rede de iniciações e associações, pois pensar o corpo feminino, no ínterim da relação cozinha, corpo e bruxaria, requer faca extremamente afiada e olhar atento sobre si mesma. Falo isso enquanto mulher que se pensa submersa nos mesmos processos de reconstruções e descentramentos com relação ao meu próprio corpo. Agora que já atuo de tantas formas — sou mãe, acadêmica e também tento exercer, nos espaços citados (casa, trabalho e atividade intelectual), minhas pequenas bruxarias —, admito que estar inserida, enquanto mulher, em um corpo extremamente plural é tarefa que exige muita reflexão e, principalmente, consciência sobre si mesma. Fico com o questionamento da Butler, porque ele sintetiza as atuais discussões acerca do corpo, do feminino e por que não dizer, sobre as bases que se constituem nossa cultura. Ela diz: “Ser mulher constituiria um ‘fato natural’ ou uma *performance* cultural, ou seria a ‘naturalidade’ constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos,

que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?”  
(BUTLER, 2003, p. 8-9).

## Referências

ALLENDE, Isabel. *Afrodite*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAKHTIN, M. M. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Os frutos tropicais do feminino: Adélia Prado e Paula Tavares*. Bahia: Labirintos — Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses da UEFS, 2008.

DIVAKARUNI; CHITRA BANERJEE. *A senhora das especiarias*. São Paulo: Objetiva, 2002.

ESQUIVEL, Laura. *Como agua para chocolate*. México D. F: Editorial Planeta, 1990.

\_\_\_\_\_. *Íntimas succulencias: tratado filosófico de cocina*. Madrid: Ollero & Ramos, 1998.

FRAZÃO, Márcia. *Cozinha da bruxa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

XAVIER, Elódia. Representação do corpo: uma tipologia. In: COLÓQUIO REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 3. *Anais...* Campina Grande: EDUFPB, 2007.

## **Notas**

---

<sup>1</sup> São utilizadas várias aspas durante este breve estudo porque as fontes também alternam diversas referências tipológicas.

<sup>2</sup> Ver referências.

<sup>3</sup> Cf. DAL FARRA, 2008.